

Artigo Original

## Livro didático na Educação Física escolar: considerações iniciais

Suraya Cristina Darido <sup>1</sup>  
Fernanda Moreto Impolcetto <sup>2</sup>  
André Luis Ruggiero Barroso <sup>3</sup>  
Heitor de Andrade Rodrigues <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Instituto de Biociências. UNESP - Univ Estadual Paulista, Campus de Rio Claro, Departamento de Educação Física, Rio Claro, SP, Brasil

<sup>2</sup> Faculdades Claretianas de Rio Claro, SP, Brasil

<sup>3</sup> Metrocamp – Campinas, SP, Brasil e FAJ – Jaguariúna, SP, Brasil

**Resumo:** Na Educação Física, pouco tem sido discutido a respeito do papel do livro didático e os seus desdobramentos no interior da escola. Assim, o objetivo desse estudo foi traçar as principais críticas tecidas aos livros didáticos e refletir sobre as possibilidades da produção desses materiais para a disciplina. Discute-se que o livro didático, como um dos materiais curriculares possíveis, pode auxiliar os professores na prática pedagógica, pois servirá como referencial a ser transformado pelo docente de acordo com a realidade na qual atua e as necessidades dos alunos, dentro de uma proposta renovadora de Educação Física.

**Palavras-chave:** Livro didático. Educação Física escolar. Prática pedagógica.

### *Textbook on Physical Education school: initial considerations*

**Abstract:** On Physical Education, little has been discussed about the function of textbook and its development into the school. So, the purpose of this study was to establish the biggest criticisms made about didactic books and reflect about the production of this materials for this discipline. It is discussed that the textbook, like one of the possible materials, can help the teachers at school practice, as it will be working as a reference to be transformed by teachers, according to the reality they are insert, and considering the students needs, in a new perspective of Physical education.

**Key Words:** Textbook. Physical Education in school. School practice.

### Introdução

O livro didático tem suscitado reduzida reflexão no campo específico da Educação Física escolar. Na Educação, ao contrário, esse tipo de material tem despertado cada vez mais o interesse de pesquisadores, sobretudo nas duas ou três últimas décadas ([BITTENCOURT](#), 2004; [CHOPPIN](#), 2004).

Por que tão pouco tem sido discutido na Educação Física? Quais as razões para essa omissão?

É fato que o livro didático tem sido alvo de intensas polêmicas e críticas. Frequentemente ele tem sido acusado de servir a ideologia burguesa. Assim, se colocar contra essa ideologia significa ser contra o livro didático.

De acordo com [Munakata](#) (2003) após o período da ditadura no Brasil ampliaram-se os discursos solicitando aos professores que abandonassem essa “muleta” em nome de uma Educação mais criativa, reflexiva e crítica. Em nome dessa vertente crítica houve uma condenação total do livro didático, independente

do conteúdo do material, ao menos por muitos acadêmicos, porque no contexto escolar seu uso é cada vez mais disseminado. Criando, no mínimo, um paradoxo entre a produção acadêmica e o que se faz na escola.

Entendemos que os pesquisadores da Educação de modo geral, e em particular da Educação Física escolar, necessitam enfrentar urgentemente a questão do livro didático. Em outras disciplinas escolares, eles podem ser considerados, atualmente, como uma das estratégias metodológicas mais utilizadas pelos professores, chegando muitas vezes, a ditar a atividade dos mesmos.

[Ribeiro](#) (2005) aponta que os livros textos possuem uma longa história no mundo ocidental, tornando-se parte fundamental da Educação, a ponto de esquecermos que eles existem. Esse fato pode ser problemático, pois pode favorecer um processo de naturalização nas perspectivas, que não se detêm no seu aspecto de objeto sócio-cultural e histórico.

As demais disciplinas escolares contam com um número elevado de livros didáticos. Para se ter uma idéia no levantamento realizado pelo LIVRES<sup>1</sup>, de 1990 até 2007 foram publicados 653 livros didáticos de história e 698 de português, já em relação à Educação Física nenhum livro foi catalogado nesse período. E como afirma Choppin (2004) “é necessário também prestar atenção àquilo que eles silenciam, pois se o livro didático é um espelho, pode ser também uma tela” (CHOPPIN, 2004, p.557).

Outro aspecto que chama atenção está relacionado a uma ampliação das publicações de livros didáticos que incluem questões relacionadas à Educação Física. Recentemente, por exemplo, foram lançados materiais didáticos: pelos Estados de São Paulo<sup>2</sup>, Paraná<sup>3</sup> e Minas Gerais<sup>4</sup>, além da publicação de material específico pelas diferentes redes particulares de ensino, como a Positivo, Objetivo e Anglo. Do mesmo modo, temos observado nos encontros que participamos uma grande expectativa dos professores da rede pública de ensino de todo país de poder contar com esse tipo de material de apoio.

É importante ressaltar que discutir a necessidade do livro didático na Educação Física nesse estudo não deve ser confundido com o processo de sistematização dos conteúdos ao longo dos ciclos de ensino, ou seja, quando falamos em livro didático estamos propondo a elaboração de um tipo de material de apoio ao professor, que poderá ser utilizado em qualquer série ou bimestre, dependendo das escolhas e das necessidades do contexto, da escola e do professor envolvido.

No caso da sistematização dos conteúdos, outro enfoque teria que ser analisado, estudado e pesquisado, pois nesse caso a busca seria por identificar quais conteúdos deveriam compor o 6º, 7º, 8º e 9º ano e assim por diante<sup>5</sup>. Poderia ainda aprofundar essa análise investigando, por exemplo, as possibilidades de identificar cada conteúdo por bimestre, selecionando a seqüência a ser ensinada. Porém, não é o foco desse trabalho promover esse tipo de discussão.

<sup>1</sup> Trata-se de um grupo de pesquisa que passou a organizar a produção do livro didático no Brasil, mais especificamente na Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

<sup>2</sup> <http://www.rededosaber.sp.gov.br>

<sup>3</sup> [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/livrodidatico/frm\\_resultadoBuscaLivro.php](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/livrodidatico/frm_resultadoBuscaLivro.php)

<sup>4</sup> [http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/index.asp?id\\_projeto=27&id\\_objeto=42036&id\\_pai=41945&tipo=li&n1=&n2=OrientaAçoes%20Pedagógicas&n3=Ensino%20Fundamental&n4=Educação%20Física&b=s&ordem=campo3&cp=BC6DQA&cb=mef](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&id_objeto=42036&id_pai=41945&tipo=li&n1=&n2=OrientaAçoes%20Pedagógicas&n3=Ensino%20Fundamental&n4=Educação%20Física&b=s&ordem=campo3&cp=BC6DQA&cb=mef)

<sup>5</sup> Sobre esse assunto consultar Fernando Gonzáles (2006).

Mas, afinal o livro didático na escola é um luxo a serviço de uma ideologia burguesa ou ele pode ser utilizado como um material de apoio às ações dos professores de Educação Física em situações de aula? Em outras palavras, o livro didático pode auxiliar o professor de Educação Física a melhorar a qualidade de suas aulas? É possível na perspectiva das propostas renovadoras conceber um livro didático? Como seria e quais as suas características?

Para os objetivos desse texto buscaremos traçar as principais críticas tecidas aos livros didáticos e refletir sobre as possibilidades da produção desses materiais na Educação Física escolar. Para encaminhar essa discussão serão arrolados os fundamentos que apóiam as principais características do livro didático, um levantamento a respeito das críticas mais relevantes e concomitantemente serão abordadas as ressonâncias dessas construções no contexto específico da Educação Física escolar.

## Contexto e características do livro didático

Choppin (2004), afirma que existem muitas dificuldades na definição desse objeto, porque nem sempre é possível explicitar todas as suas características específicas, e também porque o livro didático como campo de pesquisa é bastante recente. Porém, reflete o autor, é necessário perceber a importância no encaminhamento de pesquisas sobre esse tipo de material, devido ao seu impacto cultural. Para isso o autor exemplifica que, no Brasil, na década de 90, aproximadamente 61% do total de livros publicados no país eram de livros didáticos. Assim, o livro didático pode ser considerado um produto cultural complexo, que se situa no cruzamento da cultura, da pedagogia, da produção econômica e da sociedade.

Bittencourt (2004), alerta que ele não deixa de ter um papel contraditório, na medida em que é um instrumento fundamental no processo de escolarização e tem ao mesmo tempo uma grande importância econômica, fazendo, por exemplo, do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do Brasil o maior programa do livro didático do mundo.

Mas, afinal o que é livro didático?

Quando realizamos essa pergunta logo nos vem à memória os nossos livros escolares, utilizados nas diferentes disciplinas, portanto algo bastante familiar e facilmente identificável, sobretudo do ponto de vista do emprego pelos alunos. É provável também que tenhamos

dificuldade de relacionar o livro didático às aulas de Educação Física escolar<sup>6</sup>.

Na verdade, as aulas de Educação Física se restringiam (e até certo ponto se mantêm assim) a oferecer um conhecimento que advém da repetição e da prática dos movimentos. Essa concepção, certamente, afastou a disciplina dos livros didáticos dos alunos. É preciso lembrar, inclusive que a legislação da Educação Física até a aprovação da última Lei de Diretrizes e Bases ([BRASIL/1996](#)) reforçava a concepção de Educação Física como atividade, que segundo [Castellani Filho](#) (1988) dava a ela uma conotação de um fazer por fazer.

Apesar das lembranças dos livros didáticos referentes às outras disciplinas, dificilmente teremos uma definição pronta sobre o que é livro didático. [Bittencourt](#) (2004) afirma que ele assume ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares.

[Fernandes](#) (2004) arrisca a seguinte definição sobre livro didático:

São publicações diversas, utilizadas em situações escolares por professores e/ou alunos para orientação, estudo, leitura e exercícios: compêndios, cartilhas, livros literários, paradidáticos, manuais de orientações para docente, caderno de desenho, tabuadas e coletâneas de mapas ([FERNANDES](#), 2004, p.535).

Com base nessa definição é possível inferir que muitos livros, mesmo não tendo intenções de ser “didático”, possam ser utilizados com essa finalidade. Assim, os inúmeros materiais produzidos no interior do campo da Educação Física relacionados ao universo dos jogos, exercícios e esportes podem ser empregados pelos professores de forma “didática”.

Inclusive, temos informações de que o livro do Professor Hudson Ventura [Teixeira](#), um dos poucos produzidos para a disciplina de Educação Física na escola, a princípio, dirigido aos alunos, foi mais utilizado para apoio do professor na sua prática pedagógica.

Aqui vale uma primeira consideração importante. Não produzir material específico, ou livro didático com essa finalidade (para professor ou aluno) não impede que os professores utilizem outros livros com esse objetivo. Ou seja, criticar ou deixar de produzi-lo não implica

necessariamente que o professor organizará seu próprio material de acordo com suas necessidades e de maneira autônoma.

[Gaspari](#) et al. (2006) procuraram identificar quais eram as principais dificuldades dos professores de Educação Física na sua prática pedagógica. Os resultados apontaram que elas passam principalmente pela falta de infraestrutura adequada para as aulas de Educação Física; falta de material didático; baixo status da disciplina perante as demais e indisciplina e falta de interesse dos alunos. Assim, discutir livro didático, como um dos principais materiais curriculares, é tocar num ponto que aflige diretamente o professor da área.

Entendemos o livro didático como um material intimamente ligado ao processo de ensino-aprendizagem, ou seja, elaborado e produzido com a intenção de auxiliar as necessidades de planejamento, intervenção e avaliação do professor, bem como de contribuir para as aprendizagens dos alunos.

Outro aspecto importante na definição do termo livro didático diz respeito aos autores, para o quais o material será destinado, nesse sentido, consideramos livro didático o conjunto dos manuscritos produzidos para o professor e para o aluno.

Corroborando a idéia de que o livro didático pressupõe um material ou materiais destinados a professores e alunos, [Munakata](#) (2003) afirma que ler/usar o livro didático implica ao menos dois leitores permanentes (professor e aluno), sendo essa relação estrutural no livro didático, já que a ausência de um ou de outro descaracterizaria o material.

### Algumas críticas aos livros didáticos

O processo de questionamento do livro didático e a oposição à sua utilização tiveram início no século XX, por meio de diferentes movimentos progressistas. A maior parte das críticas aos objetivos e conteúdos desses materiais é de caráter ideológico. [Munakata](#) (2003) ressalta que os livros didáticos foram identificados como suporte da ideologia oficial e em muitos casos ela foi entendida como oposto da ciência. O autor não discorda que muitos livros fizeram mesmo apologia ao regime militar e continham erros que deveriam e foram denunciados. No entanto, muitos críticos dos livros didáticos identificaram a presença da ideologia em cada parágrafo, cada frase, cada palavra.

Para o autor a ideologia era surpreendida até mesmo em obras aparentemente “críticas”,

<sup>6</sup> Um dos poucos livros publicados na Educação Física é de autoria do Prof. Hudson Ventura Teixeira, editado pela Saraiva na década de 70, que traz uma série de informações sobre técnicas, táticas e regras de algumas modalidades esportivas.

bastava que a “crítica” que o livro propunha seguisse referenciais diferentes da ortodoxia professada pelo pesquisador. “A ideologia são os outros” (MUNAKATA, 2003, p.4). Na verdade, toda proposta pedagógica implica uma tomada de posição e, portanto, a adoção de uma dada ideologia.

Outro aspecto que chama a atenção no texto de [Munakata](#) (2003), do qual compartilhamos, diz respeito a considerar o livro didático como materialidade, nesse sentido ele é uma mercadoria e um objeto cultural. Nas palavras do autor:

Como mercadoria, ele certamente carrega as marcas do ser-para-o-lucro e da indústria cultural. Convém, no entanto, desde já esclarecer que, na sociedade capitalista, a produção de qualquer livro, seja didático ou dos “frankfurtianos”, visa o lucro e é efetivada segundo os procedimentos da indústria cultural. É preciso também não perder de vista que onde há lucro e, portanto, a acumulação do capital, há também trabalhadores, de cujas atividades resultam livros. (MUNAKATA, 2003, p.5).

Assim, pode-se afirmar que os livros didáticos são comercializados por uma infinidade de interesses, dada a sua condição de produto. Além disso, reproduzem valores, idéias e preconceitos de determinadas correntes ideológicas e culturais. Todavia, como revela [Chartier](#) (1996) “cada leitor, a partir de suas próprias referências individuais ou sociais, históricas ou existenciais, dá um sentido mais ou menos singular, mais ou menos partilhado, aos textos de que se apropria” ([CHARTIER](#), 1996, p.20).

De acordo com [Zabala](#) (1998) uma crítica comum aos materiais didáticos, considera que a maior parte desses livros trata os conteúdos de modo unidirecional e por causa de sua estrutura não oferece idéias diferentes em relação à linha de pensamento estabelecida. São livros que transmitem um saber baseado em estereótipos culturais. Nesse caso é aconselhável apresentar outros materiais, com pontos de vista divergentes, que permita que cada professor implemente o seu projeto de ensino de acordo com o contexto e realidade dos alunos, e além disso, esteja integrado à proposta político-pedagógica da escola.

Na verdade, seria interessante que o professor escolhesse os objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação que estivessem relacionados à proposta da escola, mas não basta escolher aleatoriamente alguns temas e implementá-los acriticamente. É papel do professor ter claro as referências contidas num livro didático podendo assim contextualizar os temas aos objetivos perseguidos pela comunidade escolar.

Outra crítica recorrente dos livros didáticos refere-se à apresentação de conhecimentos acabados e sem possibilidade de questionamento, impedindo o conflito, que é fonte de criação cultural e científica. Além das críticas aos próprios materiais, outras são apresentadas em relação às conseqüências de sua utilização nas aulas, como por exemplo, provocar atitude de passividade nos alunos, já que impede uma participação efetiva dos mesmos tanto no processo de aprendizagem quanto na escolha dos conteúdos, limitando a iniciativa e curiosidade, permitindo somente a utilização das estratégias baseadas nos próprios materiais didáticos ([ZABALA](#), 1998).

Nesse caso também, o papel do professor é importantíssimo, mediando debate e apresentando problemas, permitindo a reflexão.

Por fim, a questão de que os livros didáticos não conseguem oferecer toda a informação necessária para garantir uma comparação, mesmo com a grande quantidade de informação que contêm. Desse modo, a seleção de informações transforma em determinante aquilo que é exposto, em detrimento do que foi deixado de lado. Outro ponto questionado é o impedimento da formação crítica dos alunos, já que os livros não favorecem a comparação entre a realidade e o ensino escolar e impedem o desenvolvimento de propostas mais próximas do contexto e experiências dos alunos.

Há necessidade de complementar as informações com a apresentação de outros materiais, combiná-los. Inclusive, pode-se pensar na Educação Física no uso de vídeos, imagens, propagandas e filmes que mantenham relações com a disciplina. Na verdade, o conhecimento sobre a cultura corporal de movimento é bastante amplo. O que impõe uma seleção do que se considera mais relevante, tanto no ensino como nos livros didáticos.

A uniformização do ensino também é indicada como crítica à utilização dos materiais didáticos, por não considerarem a forma e o ritmo de aprendizagem dos alunos, suas experiências anteriores, interesses, necessidades, expectativas e diferenças pessoais, imprimindo um ritmo de aprendizagem comum e coletiva.

Podemos verificar que as críticas aos livros didáticos são bastante complexas e contundentes, no entanto, acreditamos que seja possível a existência de livros didáticos e de outros tipos de materiais que não cometam os erros dos livros didáticos convencionais e assim concordamos com [Zabala](#) (1998) para quem

deve-se mudar o slogan de “não ao livro didático” para outra idéia que afirma “não ao livro didático como manual único”, referindo-se a um tipo de livro elaborado de modo estritamente transmissor. Podemos adicionar ainda a concepção de que o livro didático só fará sentido dependendo do grau de conhecimento garantido nas condições de formação inicial e continuada e autonomia do professor. O livro deve ser um instrumento a mais nas mãos de um professor comprometido.

[Zabala](#) (1998) ainda aponta que o fato de ter que utilizar materiais elaborados por outros não significa uma dependência total, nem a incapacidade de confeccionar os materiais necessários quando a oferta do mercado não se ajusta às necessidades que queremos atender.

### **Concepção de Educação Física e o livro didático**

Seria prudente para dar continuidade a esse trabalho questionarmos se seria possível vislumbrar um livro didático em uma perspectiva de Educação Física renovadora, dentro de uma perspectiva sócio-cultural. Para isso é preciso apontar a nossa concepção de Educação Física para a escola.

Torna-se importante destacar que, ao longo de sua trajetória histórica, o componente curricular Educação Física apresentou finalidades distintas, mesmo atualmente não existe uma proposta hegemônica ou única.

Na sua origem, a Educação Física estava voltada para uma preocupação com os hábitos de higiene e saúde, tendo como referência métodos ginásticos oriundos do continente europeu, sendo caracterizada como uma Educação Física higienista.

Posteriormente, no modelo militarista, os propósitos vinculavam-se à formação de indivíduos fortes e saudáveis, aptos a defender a nação no caso de combates com outros países. Nesta concepção, valorizavam-se as pessoas avaliadas como fisicamente aptas e excluíam-se os considerados incapacitados.

A concepção esportivista instalou-se durante a década de 60 com o governo militar, transformando a Educação Física basicamente em sinônimo de esporte. Neste modelo, as aulas abordavam exclusivamente o conteúdo relacionado ao esporte, com o objetivo da identificação de talentos esportivos e da melhora da aptidão física para uma possível representação de futuros atletas em competições nacionais e internacionais. Desta forma, as aulas privilegiavam uma minoria que apresentava certa facilidade para aprendizagem de gestos e

habilidades motoras específicos à prática esportiva, deixando em segundo plano aqueles que não possuíam tais características.

Nesse contexto, a existência de material didático era escassa e faltava tradição na construção desse tipo de material no interior da Educação Física. Podem ser aventadas algumas razões explicativas, como o próprio contexto histórico em que a área foi se desenvolvendo, ligada estritamente à realização dos movimentos, o “saber fazer”, que fez com que se tornasse difícil estruturar esse material, assim como conceber sua aceitação junto aos docentes e mesmo ao mercado editorial.

A partir de 1980, o país passa por uma série de transformações políticas, que desencadeiam o surgimento de novas correntes pedagógicas para a Educação de forma geral e especificamente para a Educação Física na escola. Os objetivos, conteúdos, métodos, estratégias de ensino e avaliações começam a ser discutidos em diferentes componentes curriculares. Na Educação Física surge novas tendências pedagógicas, com o intuito de ressignificar o papel deste componente no ambiente escolar. Podemos destacar algumas dessas abordagens: Psicomotricidade, Desenvolvimentista, Construtivista, Crítico-superadora, Crítico-emancipatória, Saúde Renovada e Parâmetros Curriculares Nacionais ([DARIDO](#), 2003).

Outros fatores podem ser levantados enquanto restrições aos livros didáticos em Educação Física, como por exemplo, o redirecionamento do pensar a respeito do objeto de estudo da disciplina na escola, que ocorreu a partir dos anos 80. Esse período coincide exatamente com a intensificação das críticas à produção de materiais didáticos. Essas críticas podem ter afastado os docentes, ou boa parte deles, da construção desses materiais.

Outro aspecto aponta para a falta de discussão acadêmica na área que levante, reflita e construa conhecimentos a respeito das questões do uso do livro didático como um dos inúmeros materiais curriculares possíveis de colaborar na construção da prática pedagógica e não o único.

Atualmente, entendemos como o principal objetivo da Educação Física no ambiente escolar seja a inserção e intervenção do aluno na esfera da cultura corporal de movimento. Para [Daólio](#) (2004) “cultura é o principal conceito para a educação física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dimensão cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com

significados próprios no contexto de grupos culturais específicos”. (DAÓLIO, 2004, p.2)

Ao adotarmos o termo cultura corporal de movimento, devemos ter claro que, quando o ser humano produz cultura, o corpo está totalmente inserido neste processo, independente do conhecimento que ele está transformando, ou seja, nas diversas construções culturais produzidas pela humanidade, jamais podemos excluir a utilização do corpo, pois ele faz parte de qualquer aprendizagem. De acordo com o autor, referindo-se ao professor de Educação Física, “trata do ser humano nas suas manifestações culturais relacionadas ao corpo e ao movimento humanos, [...]” (DAÓLIO, 2004, p.2).

Portanto, o que queremos evidenciar, quando falamos de cultura corporal de movimento, são recortes desta cultura humana, apresentando características específicas relacionadas ao corpo-movimento.

Temos um vasto repertório cultural acumulados historicamente durante todo processo de desenvolvimento da espécie humana, manifestando-se por meio do jogo, do esporte, da ginástica, da atividade rítmica e expressiva, da luta, da capoeira, além de outros. E é justamente o direito do aluno a este conhecimento que estamos defendendo, possibilitando que ele tenha condições de usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar toda e qualquer forma de manifestação da cultura corporal de movimento.

Entendemos que a Educação Física, juntamente com os demais componentes curriculares escolares, deva propiciar ao aluno o exercício da cidadania, buscando durante a prática pedagógica a formação do aluno crítico, direcionado para a conquista de sua autonomia, por meio do conhecimento, reflexão e transformação da cultura corporal de movimento.

Não temos o intuito e nem a Educação Física escolar teria como possibilitar aos alunos conhecer todas as formas de manifestações da cultura corporal de movimento. Porém, podemos oferecer uma abrangência maior destas manifestações, de forma que, não se restrinja a aprendizagem dos alunos, o que historicamente ocorre quando o professor oferece exclusivamente conteúdos esportivos tradicionais. Pretendemos também que o processo de ensino e aprendizagem ultrapasse o limite da realização de movimentos, possibilitando que os alunos observem, analisem, critiquem, contextualizem, o que for desenvolvido nas aulas de Educação Física. Assim, sejam capazes de destinar um

olhar crítico aos acontecimentos da sociedade a qual pertencem.

Dentro dessa concepção é possível pensar em livros didáticos destinados aos alunos? E aos professores? Entendemos que apesar da complexidade da tematização da Educação Física na escola, seria importante e possível a construção de livros didáticos<sup>7</sup>

## **Considerações Finais**

O objetivo desse estudo foi desvelar quais as críticas mais comuns ao livro didático e discutir as suas possibilidades no contexto da Educação Física escolar.

Os materiais didáticos ou materiais curriculares são instrumentos que proporcionam ao professor critérios e referências para tomar decisões, tanto na intervenção direta do processo de ensino-aprendizagem, quanto no planejamento e na avaliação. Em outras palavras, são os meios que auxiliam os docentes a resolver os problemas que as diferentes fases do planejamento, execução e avaliação apresentam.

O livro didático, como um dos materiais possíveis, pode auxiliar os professores na prática pedagógica, pois pode servir como referencial e pode ser transformado pelo docente de acordo com a realidade na qual atua e as necessidades dos alunos. Compreendemos que esses materiais podem facilmente transformar-se em receituários desconectados do contexto do aluno, com caráter prescritivo.

No entanto, acreditamos que este risco não deve imobilizar iniciativas e propostas que respeitem a autonomia dos professores e a especificidade do contexto pedagógico.

O trabalho docente envolve além da formação inicial realizada nas Instituições de Ensino Superior, as nuances e as concepções que o profissional enfrenta no seu cotidiano diário, o que na escola é traduzido pelas expectativas dos alunos, outros professores, direção e coordenação de escola, e até dos próprios pais dos alunos. Isto quer dizer que nem todo conhecimento adquirido pelo professor no seu período de formação é colocado em prática devido às limitações do contexto.

É preciso adicionar ainda nestas condições do contexto os baixos salários dos professores e

<sup>7</sup> Ver a esse respeito a produção do Estado do Paraná no site:  
[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/index.asp?id\\_projeto=27&id\\_objeto=42736&id\\_pai=42676&tipo=li&n1=&n2=Roteiros%20de%20Atividades&n3=Ensino%20Fundamental&n4=Educação%20Física&b=s&ordem=campo3&cp=BC6D0A&cb=me](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&id_objeto=42736&id_pai=42676&tipo=li&n1=&n2=Roteiros%20de%20Atividades&n3=Ensino%20Fundamental&n4=Educação%20Física&b=s&ordem=campo3&cp=BC6D0A&cb=me)

também suas insatisfações decorrentes das sucessivas mudanças na administração e política educacional a que estão sujeitos. Escola de período integral, redução do número de aulas de Educação Física na escola, aumento do número de escolas para completar a carga de trabalho, escolas distantes da residência do professor, só para citar alguns exemplos. Assim, as condições do contexto do trabalho, na maioria das vezes mais tradicional que a formação do professor, os baixos salários, as sucessivas mudanças políticas, além de uma formação profissional nem sempre adequada e progressista, acabam por dificultar ainda mais a aplicação e o avanço das propostas pedagógicas aplicadas ao contexto escolar. Acreditamos que o professor com uma formação adequada e comprometido com as questões da escola, poderá se beneficiar de livros didáticos de qualidade e produzidos na perspectiva renovadora.

Como vimos em [Gaspari](#) et. al (2006) os professores se ressentem da falta de material didático específico da área da Educação Física. Consideramos, como [Caparroz](#) (2001), que é fundamental valorizar e conhecer as limitações e possibilidades que caracterizam o contexto do ensino-aprendizagem da disciplina de Educação Física na escola, de tal modo que seja possível construir e implementar uma intervenção significativa e de qualidade, a partir da realidade do professor. A falta de materiais didáticos parece se caracterizar como uma dificuldade extra do professor. Nesse sentido, é papel da comunidade científica e acadêmica envidar esforços no sentido da elaboração, construção e avaliação de materiais didáticos no interior da Educação Física na escola.

A complexidade do processo educativo exige que o professor disponha de recursos e instrumentos que o auxiliem na tarefa de ensinar. É necessária a utilização de materiais que estejam a serviço das propostas didáticas do professor, que incentivem sua criatividade e a diversificação de estratégias e não o contrário. A questão não tem que ser colocada em termos de “livros sim, livros não”, mas em termos de “que materiais e como utilizá-los?” ([ZABALA](#), 1998).

Concordamos com [Ribeiro](#) (2005) de que um livro sozinho não criará monstros, subversivos ou cordeiros do mal. A leitura de manuais escolares tem sua própria historicidade, não havendo espaço para retórica da neutralidade. A leitura teve e tem formas e práticas diversas em diferentes lugares sociais e históricos.

Atualmente, segundo [Munakata](#) (2003), já são distantes os tempos em que se combatia o livro

didático do mesmo modo como se lutava contra a ditadura militar. Já é possível compreender que esse objeto educacional é parte do sistema educacional e como tal é preciso elucidá-lo na sua materialidade e historicidade.

## Referências

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Em foco: História, produção e memória do livro didático. **Educação e Pesquisa**, SP, v.30, n.3, p.1-3, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm). Acesso em: 09 fev. 2009.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1988.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. Discurso e prática pedagógica: elementos para refletir sobre a complexa teia que envolve a educação física na dinâmica escolar. In: CAPARROZ, Francisco Eduardo (Org.). **Educação Física escolar: política, investigação e intervenção**. Vitória: Proteoria, 2001.
- CHARTIER, Roger. (org) **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, SP, v.30, n.3, p.549-566, 2004.
- DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. 1ª. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. **Educação e Pesquisa**, SP, v.30, n.3, p.531-545, 2004.
- GASPARI, Telma Cristiane; SOUZA JUNIOR, Osmar; MACIEL, Valéria; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; VENÂNCIO, Luciana; ROSÁRIO, Luiz Fernando; IÓRIO, Laércio; TOMAZZO, Aline; DARIDO, Suraya Cristina. A realidade dos professores de Educação Física na escola: suas dificuldades e sugestões. **Revista Mineira de Educação Física**, v. 14, p.109 - 137, 2006.
- GONZÁLES, Fernando Jaime. Projeto curricular e educação física: o esporte como conteúdo escolar. In: REZER, R. (org). **O fenômeno**

**esportivo**: ensaios críticos-reflexivos. Chapecó: Argos, 2006. p. 69-109.

MUNAKATA, Kazumi. Investigações acerca dos livros escolares no Brasil: das idéias à materialidade. In: VI Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana. San Luis Potosí. **Anais do VI Congresso Iberoamericano de História de la Educación Latinoamericana**, ISBN 998-7727-87-X, 2003.

PORTAL EDUCACIONAL DO GOVERNO DO PARANÁ. Livro didático público. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/livrodidatico/frm\\_resultadoBuscaLivro.php](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/livrodidatico/frm_resultadoBuscaLivro.php)> Acesso dia 11 de dezembro de 2007.

RIBEIRO, Renilson Rosa. História, histórias (didáticas): reflexões de ofício e oficina. **História e-história**. Campinas, SP, v.1, p.1-10, 2005.

ROSÁRIO, Luiz Fernando Rocha. **A Educação Física na Escola e suas interfaces com os conteúdos de História e Ciências nos livros didáticos**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006.

SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Governo de Minas Gerais. Disponível em: <[http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema\\_crv/index.asp?id\\_projeto=27&id\\_objeto=42736&id\\_pai=42676&tipo=li&n1=&n2=Roteiros%20de%20Atividades&n3=Ensino%20Fundamental&n4=Educação%20Física&b=s&ordem=campo3&cp=BC6D0A&cb=mef](http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.asp?id_projeto=27&id_objeto=42736&id_pai=42676&tipo=li&n1=&n2=Roteiros%20de%20Atividades&n3=Ensino%20Fundamental&n4=Educação%20Física&b=s&ordem=campo3&cp=BC6D0A&cb=mef)> Acesso dia 11 de dezembro de 2007.

TEIXEIRA, Hudson Ventura. **Educação Física e Desportos**. Editora Saraiva: São Paulo, 1999.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Esse artigo foi apresentado em Sessão Temática no VI Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana e XII Simpósio Paulista de Educação Física, realizado pelo Departamento de Educação Física do IB/UNESP Rio Claro, SP de 30/4 a 03/5 de 2009.

Endereço:

Fernanda Moreto Impolcetto  
Rua 3, 1752, Apto.122 Centro  
Rio Claro SP Brasil  
13500-162  
Fone/fax: (19) 3597.4948 (19) 9749.4949  
e-mail: [fe\\_moreto@yahoo.com.br](mailto:fe_moreto@yahoo.com.br)

*Recebido em: 10 de fevereiro de 2009.  
Aceito em: 03 de abril de 2009.*



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)